



“INVASÃO, DESORDEM NO ESPAÇO PÚBLICO”: TRAVESTIS E HOMOSSEXUAIS NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB (1978- 1979)

Bruno Silva de Oliveira¹

RESUMO

A proposta deste trabalho tem como objetivo compreender os usos que travestis e homossexuais faziam de espaços públicos em que são comumente associados enquanto “invasores” e responsáveis pela “desordem” na referida cidade no final da década de 70 através de análise de matérias encontradas no jornal Diário da Borborema, fundado nesta cidade em 1957 pelo então senador paraibano Assis Chateaubriand. Entendendo o jornal como uma produção discursiva, Foucault (1999) será meu aporte teórico nesta pesquisa com o conceito de *discurso* para investigarmos de que forma esse discurso moralista e repressivo se faz presente no referido jornal expondo condutas de travestis e homossexuais, principalmente no que se refere às práticas da sexualidade enquanto um mal social a partir de um suporte com vasta distribuição, o jornal. A metodologia consiste na seleção de matérias encontradas em pesquisa realizada em acervos no referido período histórico aqui apresentado de forma a atender as discussões a serem realizadas. Se fez uso leituras sobre o período da ditadura civil-militar na tentativa de compreender o período e de produções sobre discussão de gênero e sexualidade que abordam o período e que discutem, também, tais questões de forma mais ampla no Brasil. Pretendemos com esta pesquisa, analisarmos de que forma essas pessoas com suas sexualidades consideradas desviantes encontram-se silenciadas institucionalmente sendo alvo de violências corroboradas por populares. Resultado este que problematiza produções que falam das homossexualidades no período aqui estudado (1978-1979) ao mostrar que essas pessoas eram repreendidas e presas por suas orientações sexuais.

Palavras-chave: Ditadura civil-militar; Homossexualidades; Jornal Diário da Borborema; Repressões; LGBT.

Enxergando os problemas

O referido trabalho tem como objetivo analisar, através do que era noticiado no jornal Diário da Borborema, fundado na cidade de Campina Grande – PB (1957) pelo então senador paraibano Assis Chateaubriand, quem são esses indivíduos que aparecem enquanto homossexuais e travestis, como estavam inseridos socialmente e como apareciam nessas notícias que são escassas onde comumente são associados a invasão e desordem, procurando evidenciar as diversas formas de violência e repressão sofridas nos anos de 1978-1979.

¹Aluno de graduação em licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, brunosilvalorde@hotmail.com

Fazendo uma análise dessas matérias e com o auxílio de leituras buscaremos não apenas responder a alguns dos referidos questionamentos, mas causar inquietações acerca da relação entre o Estado opressor e as homossexualidades no sentido de forte controle das mesmas e problematizações, tais quais as violências sofridas por esses indivíduos que aparecem em textos no jornal e que não são denunciadas.

Através de pesquisa realizada nos arquivos do Setor de Documentação e História Regional (Sedhir - UFCG) e Biblioteca Átila Almeida (UEPB), o material referente aos anos de 1978 e 1979 encontra-se incompleto, faltando páginas, alguns dias ou alguns meses. O material encontrado consta dos seguintes meses:

- 1978: janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro;
- 1979: julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.

Em 17 meses consultados nos referidos anos, cinco menções à sexualidades “desviantes” foram encontradas, sendo quatro delas em referência à cidade de Campina Grande – PB. As matérias se encontram na seguinte disposição: duas aparecem na página Policial; uma consta apenas na capa do exemplar; uma na página Internacional e uma na página Política.

Entendemos o jornal como um discurso, por isso Foucault será aqui utilizado para dizer que a produção desse discurso parte de uma tentativa de controle, nesse caso o da sexualidade; de uma seleção, travestis e homossexuais; de uma organização, de forma a expor essas sexualidades enquanto um mal social, sendo utilizado também, de forma a excluir discursos que possam vir a dizer o contrário; e de uma distribuição, aqui por meio de matérias no jornal, “[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 8-9).

É nesse discurso, segundo o autor, onde a sexualidade e a política se farão presentes em constante relação que não é neutra, nem desarmada e nem pacífica:

[...] o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo, privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (FOUCAULT, 1999, p. 9-10).

A análise dessa escrita no jornal que é endereçada, política e com um objetivo claro, que é padronizar e expor condutas, irá nos mostrar um elemento que também é abordado por

Foucault, que é o homossexual enquanto personagem (2006). É esse personagem que aparece nas matérias jornalísticas encontradas tendo sua forma de conduta repreendida por não se enquadrar no que seria aceitável socialmente, também não se enquadrando em determinados espaços físicos da cidade, o público.

Algumas leituras foram necessárias para compreender o contexto no qual se encontrava o país, tendo em vista que as condições presentes no referido jornal não estão desassociadas do que ocorre no país na década de 70, um período intenso da ditadura civil-militar, “Quando a década de 70 começou, vivia-se no Brasil o período mais duro da ditadura militar implantada em 1964 “[...] A censura estava institucionalizada [...]” (HABERT, 1994, p. 7).

Em seu trabalho Nadine Habert traz a discussão de como estaria a década de 70 no que seria o apogeu da crise da ditadura, o fortalecimento da repressão e o período de “abertura” e de como essa luta contra o comunismo irá desagregar e silenciar movimentos sociais, silenciamento este que se acentua quando a pauta engloba questões LGBT. Na temporalidade em questão outro elemento irá se somar para contribuir com esse silenciamento o qual aborda Benjamin Cowan em seu trabalho *“Homossexualidade, ideologia e subversão no regime militar”*:

Homossexualidade nunca chegou a ser a razão principal pela qual as pessoas foram presas, torturadas e sujeitas aos abusos dos direitos humanos e civis – mas formou parte de um conjunto de ansiedades sobre a ameaça, vaga e supostamente difusa, da subversão (COWAN, 2015, p. 36).

Em um cenário onde o discurso desses estudos, como o citado acima, apontava como sendo o “grande mal” o comunismo, alguns outros elementos podem vir a ser colocados em posições como a que mostra Benjamin Cowan, onde diz que não se houve prisão, tortura e abusos dos direitos humanos e civis apenas por serem homossexuais, pois, essa “[...] nunca chegou a ser a razão principal [...]” (2015) e compunha apenas um conjunto de ansiedades. Certamente que essa não era é a experiência vivida por essas pessoas que estavam sendo presas e abusadas devido a sua sexualidade.

Durante o período da ditadura civil-militar implantada no Brasil em 1964, teremos diversos movimentos nos país em oposição ao regime e o movimento da classe operária diretamente associado ao período, sobretudo devido a sua grande importância frente ao contexto da ditadura. Entretanto, essa visibilidade oculta aqueles tidos como “menores”, ainda

mais se eles forem LGBT² (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais). Fala-se sobre a oposição do Estado ao comunismo, “Ela estava muito ocupada com os comunistas” (PASSAMANI, 2010, p. 3) e pouco se fala acerca das repressões sofridas pela comunidade LGBT que partiam tanto dos populares quanto da polícia. Nesse cenário, essas pessoas também irão se movimentar em oposição ao regime e à discriminação sofrida por eles socialmente em movimentos que não serão abraçados pelos operários, pois, questões referentes a essas pessoas não seriam tão válidas para suas propostas políticas e, assim, deixadas em segundo plano.

Em uma sociedade onde o heterossexismo “[...] organiza o modo pelo qual homens e mulheres vivem a sua sexualidade [...]” (NOGUEIRA, 2018, p. 37) é regra, haverá o silêncio institucional dessas pessoas. O que fica evidenciado quando observamos a produção historiográfica sobre a ditadura civil-militar de 64 é constatamos a enorme carência no que tange a falas sobre LGBT nesse período.

Nessas produções historiográficas sobre o período em questão temos recentemente a publicação do livro que reúne diversos estudos que pesquisam sobre esses sujeitos no período da ditadura, “*Ditadura e homossexualidades: repressão; resistência e a busca da verdade*”, organizado por James N. Green e Renan Quinalha. Trata-se do primeiro trabalho publicado dedicado a trazer essas problemáticas e trazer essas pessoas conferindo a elas o direito de fala, se não com suas próprias vozes, mas por meio dessas pessoas que realizam tais estudos. A coletânea de artigos presente no referido livro apresenta uma série de pesquisas que abordam a resistência, repressão, organização do movimento homossexual no Brasil, o qual teria como principal agente propulsor creditado ao jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981) e diversos outros elementos numa relação entre ditadura, gênero e sexualidade.

Trabalhos como estes nos trazem outra problemática. Quem está produzindo as histórias sobre as homossexualidades no Brasil? É observado que essas produções partem do eixo Rio-São Paulo e que são produzidas por um grupo que não se encontra nas periferias e que durante o período da ditadura dispunha de condições para acesso aos espaços que surgiam para o público LGBT. São intelectuais de classe média que, mesmo diante de forte repressão, usufruíam de determinadas liberdades, devido a sua posição em determinada classe social que outras não dispunham. Podemos citar o grupo fundador do jornal *Lampião da Esquina*, composto por intelectuais que não só fizeram circular o referido jornal a nível nacional como

² Aqui faço uso da referida sigla por acreditar ser a apropriada para o período, tendo em vista que a mais abrangente LGBTQI+ surge posteriormente

também dispunham de acesso a informações do exterior, sobretudo do movimento homossexual nos EUA, e também contato com o brasileiro norte-americano James N. Green, que viveu no Brasil entre os anos de 1976-1982. Dessas pessoas também tivemos outras contribuições, como é o caso de João Silvério Trevisan, com seu trabalho *Devassos no Paraíso*.

Sobre como determinadas classes dispunham de meios de escapar diante dessas situações de repressões, James N. Green e Ronald Polito irão em *Frescos Trópicos* dizer que “Naturalmente, os homossexuais masculinos da classe média ou da burguesia do Brasil sempre puderam escapar do cerco policial e médico implacável que foi armado, durante quase todo o século XX, buscando classifica-los e condená-los” (2006, p. 18). São pessoas com poder aquisitivo e com uma proposta política de elaboração do jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), que compunha a imprensa alternativa e que causou impacto na comunidade LGBT no país com repercussão na institucionalização e organização de seu movimento.

É curioso notar que “homossexualidades femininas” não aparecem em nenhum momento nessas matérias, não há menção de mulheres lésbicas, por exemplo. Ao analisar o material encontrado o que vemos na condenação das “homossexualidades masculinas” é o fato de serem mostradas, seja por meio de travestis, seja por meio de trejeitos dos homossexuais, o que pode não ter ocorrido com as femininas no período estudado. Acreditando que havia “homossexualidades femininas” também presentes na sociedade campinense nesse período e que sua exposição não tenha ocorrido em matérias devido ao controle e vigilância da sexualidade masculina, e repressão de sua homossexualidade, ser maior e receber mais atenção por parte do Estado e populares, “Entre os dissidentes sexuais, as travestis e os homossexuais masculinos dotados de estilo de gênero dissonante, por mais visíveis, foram os mais atingidos” (COLAÇO, 2015, p. 202).

“Invadindo a sociedade”: práticas repressivas contra travestis e homossexuais

Falar sobre travestis nesta cidade é falar de como estão comumente relacionados à polícia em situações de bagunça ou sendo “acossados” pelo aparato repressor já mencionado e pela população em matérias que trazem títulos que procuram causar impacto no leitor no sentido de evidenciar o quão prejudicial para a sociedade tem sido esses travestis.

Essas pessoas também estão associadas ao espaço público juntamente com homossexuais, sendo mencionadas nas matérias enquanto ocupantes desses espaços de sociabilidade

localizados na área central da cidade. Os lugares mencionados são: Praça da Bandeira; Parque do Açude Novo; Estação Velha e imediações do Rique Pálace.

Elas estão nas ruas do centro da cidade fazendo outros usos desses espaços de modo “socialmente indevido”. São formas nas apenas de resignificar esses espaços, mas de construir seus espaços em meio aos já existentes. É pensar que esses espaços públicos não foram feitos para essas pessoas, entretanto, elas estão ali e parecem não querer sair.

São populares que aparecem nessas matérias e que não foram pensados para utilizarem os espaços aos quais são associados. Esses espaços possuem formas de uso e na medida em que essas pessoas passam a fazer novos usos elas causam desordem e perturbação. Um segundo fator é que não se trata apenas de populares, são homossexuais e travestis, com seus trejeitos fazem algazarra, acabando por expor socialmente, sobretudo à noite, quem eles são em público, o que causa desconforto e incômodo por parte da sociedade, seja ela a dos populares como também da elite.

O “não querem sair” fica bastante evidenciado na matéria do dia 26 de fevereiro de 1978, única encontrada naquele ano, localizada na página Policial sob o título “Travestis **invadem** a sociedade”³ (grifo nosso). Nela, além da denúncia de que essas pessoas estão “invadindo” a sociedade, um dos elementos que aqui destacamos é a prisão de um travesti o qual tem de confessar “manter estritas relações com homens”, ainda sendo acossado pela polícia e populares na Praça da Bandeira. Esse elemento deixa explícita a repressão institucionalizada às sexualidades “desviantes” presentes neste caso. Vejamos o trecho a seguir da matéria:

Os “travestis” estão ficando cada vez mais populares e numerosos. Um deles ao ser preso em nossa cidade, chegou a confessar que mantinha estreitas ligações com homens e muitos deles bastantes conhecidos da sociedade. Seja em Campina Grande, João Pessoa, Recife e cidades do sul do país, os “travestis” a cada dia botam “pra quebrar”, como disse o que foi detido, ao ser entrevistado na própria Delegacia. [...]

Pelos acontecimentos policiais registrados no Nordeste, os travestis nessa região, apesar dos recalques sociais e tradicionalistas, estão mesmo “botando as unhas de fora”. A Praça da Bandeira, em nossa cidade, por exemplo, é onde se reúne esse tipo de gente”. Acossados as vezes pela polícia, ou por populares que não gostam daquelas encenações, com o mesmo requebrado e o cinismo que os caracterizam, os travestis estão por ai. Para eles, os tempos mudaram, para as pessoas bem, “apenas vergonha acabou-se”, para esses suspeitos (DB, 26/02/1978, p. 9).

Ainda dessa matéria gostaríamos de discorrer acerca da violência física pela qual essas pessoas eram vítimas e que se faz presente no texto, entretanto, ela aparece enquanto

³ A matéria “Travestis invadem a sociedade”, encontrada na edição do jornal Diário da Borborema do dia 26 de fevereiro de 1978 disponível no Sedhir – UFCG encontra-se faltando a capa do exemplar, o que não nos permite informar o ano e número da referida edição.

“elemento de cena” vindo a ser justificada por seus agressores serem “senhores respeitáveis”, o que corrobora para o discurso repressor aqui citado para mostrar o quanto essas pessoas eram alvo dessa política que se tem na época. Observemos outro fragmento da referida matéria que traz o relato da cidade de São Paulo.

[...] um rico industrial passeava com seu Mercedes Benz último tipo pelas ruas “quentes” e encontrou uma bela dama que lhe agradou. Depois de combinado os detalhes a moça entrou no carrão e os dois partiram para a aventura. Como o respeitável industrial estivesse embriagado acabou perdendo o controle do veículo e batendo num poste. Como o choque revelou-se a realidade: a peruca de seu acompanhante caiu e foi com espanto que o rico aventureiro percebeu que estava ao lado de um travesti com quem iria passear a noite, irritado passou a espancar o travesti. O caso foi parar na polícia e se transformou em escândalo para o industrial respeitável, pois sua esposa descobriu tudo. Casos como esse acontecem diariamente na “Boca do Luxo” (DB, 26/02/1978, p. 9).

O que vemos no fragmento acima é absurdo. O escândalo no texto se dá pela descoberta pela esposa da suposta falta de fidelidade do marido, enquanto ele, senhor respeitável além de ocasionar um acidente por dirigir sobre efeito de álcool agride uma pessoa. Observemos que a colisão com o poste e a agressão sofrida pelo travesti são elementos que compõe a cena onde temos em primeiro plano alguém pertencente a alta classe que sai, em “seu Mercedes Benz último tipo” para quebrar os votos do casamento sagrados nessa sociedade da moral e dos bons costumes; observemos também que ele ainda volta a ser mencionado enquanto uma pessoa respeitável logo após relato de seus crimes cometidos. Como se não bastasse, “Casos como esse acontecem diariamente na Boca do Luxo”. Alguns meses depois travestis voltariam às páginas do jornal, dessa vez com um pequeno texto acompanhado por uma imagem de dois travestis na capa da edição do dia 02 de agosto de 1979 sob o título “Travestis bagunçaram”.

O IV Festival de Inverno de Campina Grande chegou ao final na madrugada de ontem, de maneira sui-generis. Após o encerramento propriamente dito, com a apresentação de uma peça teatral pelo grupo de Caruaru, realizou-se um desfile de travestis, mesmo contrariando a direção do Teatro.

Sete travestis desfilaram diante de um corpo de jurados, e para uma plateia de cerca de 200 pessoas, que inclusive foi servida com caipirinha. Usando termos pejorativos, criticando os promotores do Festival e principalmente a diretoria do Teatro, os travestis e companhia promoveram intensa “bagunça” que se estendeu até às 4 horas da manhã, inclusive com danças.

Representando Manaus, Paraná, Pernambuco, Campina Grande e outros Estados, os travestis desfilaram numa passarela improvisada e o primeiro lugar coube ao representante do Estado do Paraná, que teve como prêmio escolher um rapaz da plateia para dançar.

Pautando pelo palavrão, os travestis, e cia fizeram a maior algazarra, o que provocou protestos de certos setores do Teatro (DB, 02/08/1979, p. 1).

Trazendo elementos que são comumente associadas a essas pessoas, elementos que demonstram comportamentos que ferem a moral e os bons costumes, o texto nos mostra um

novo elemento e que não é ressaltado no mesmo, ficando em segundo plano dando maior visibilidade para a criação de uma imagem a condenar essas pessoas. Esse elemento é a produção cultural, aqui sendo expressadas através do teatro, onde, assim como demais espaços sociais, são rechaçados e buscam mecanismos para lidarem com a situação, seja a “bagunça” ou “palavrões”. Esse relato enquadra-se na lógica de Foucault sobre a criação do homossexual enquanto personagem a partir do século XIX quando ele diz: “Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ele é princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 50-51).

Precisamos pensar que existiram diversas experiências em diversas regiões do país tendo como elementos que se interseccionam a raça, a classe e as sexualidades. Digo isso pois, em “*Devassos no paraíso*” João Silvério Trevisan nos apresenta outros espaços em que travestis se fizeram presentes no teatro em condições que possuem elementos que divergem da experiência narrada no jornal Diário da Borborema.

Quantos aos shows luxuosos, que existiram até meados de 1980, eles se concentravam no Rio de Janeiro, onde alguns empresários tentaram receitas de sucesso, apresentando o travesti como peça fundamental de consumo (2018, p. 235).

Trevisan nos mostra um cenário nos grandes centros onde se tem espaços para que essas pessoas possam frequentar por serem o que são e fazer uso de suas produções culturais e artísticas. Conforme citação acima essa abertura se dá, também, devido a interesses de membros da classe dominante que enxergam a presença dessas pessoas nos palcos como forma de lucro, “como peça fundamental de consumo”, uma clara lógica do sistema capitalista que se apropria até de elementos que não são aceitos em determinadas sociedades e culturas visando o lucro. Essa maior “liberação” dessas formas de expressão estão envolvidas no que Trevisan relata enquanto o *desbum guei* que eclodiria a partir dos anos 70.

Ainda que a contragosto, a cruel ditadura brasileira instaurada a partir de 1964 acabou imprimindo um impulso peculiar a certas áreas da vida nacional. A urgência de uma modernização em ambiente avesso à prática política democrática talvez tenha favorecido, entre os jovens, o surgimento de movimentos de liberalização nem sempre alinhados com orientações ideológicas precisas. Daí por que uma das palavras-chave do período foi o “desbunde” ou “desbum”. [...] Talvez fosse possível detectar o início desse fenômeno em três núcleos deflagradores nas áreas de teatro e na música popular (2018, p. 270).

Para quem é esse *desbum guei* e em que espaços isso está ocorrendo? Fica claro quando observamos as histórias relatadas por essas pessoas a partir desses grandes centros e até mesmo comentando sobre outros espaços do país, como faz Trevisan, que essas mudanças

não chegam para todos da mesma forma e no mesmo tempo, estejam as pessoas circunscritas no mesmo espaço geográfico em que essas mudanças ocorrem ou mais afastadas. O *desbunde* que ocorria no Rio de Janeiro no meio social de pessoas com um perfil de classe diferente das pessoas que estariam localizadas nos bairros periféricos não é possível ser observado na cidade de Campina Grande – PB no período em que trabalhamos.

Nesta cidade de Campina Grande ainda não vemos espaços voltados para essas pessoas e quando ocorrem de aparecerem em cena acabam indo parar em alguma página de um jornal de forma a serem denunciadas. É em 1985 que temos na cidade o surgimento de um espaço pioneiro em seu segmento voltado para o público LGBT, o “Bar de Maria de Calú”⁴, que funcionou até 1996 no bairro do Catolé, conforme nos mostra *Ciro Linhares de Azevedo* em sua dissertação de mestrado (2015).

Assim, as “homossexualidades masculinas” irão se fazer presentes em páginas policiais do jornal por causarem alguma desordem no espaço público. Em matéria encontrada no dia 16 de agosto de 1979 na coluna “Plantão Policial”, na página policial da edição, sob o título de “Homossexuais”, constatamos novamente participação da população, ou a alegação de sua participação de forma a justificar possíveis medidas a serem tomadas. Nesse texto é pedido que sejam tomadas as devidas providências, pois essas “bonequinhas” estariam perturbando os espaços do Parque do Açude Novo e Estação Velha, onde faziam uso de palavras de baixo calão.

São muitos os homossexuais que estão fazendo do Parque do Açude Novo um verdadeiro ponto de encontro, tornando o local no mais perturbado da cidade, uma vez que chegam às primeiras horas da noite e começam a promover desordens, pronunciando palavras de baixo calão, e etc. Outro local que está ficando da mesma forma, por causa das “bonequinhas” é a praça da Estação Velha, onde o silêncio dos que residem nas proximidades está sendo incomodado. Espera-se urgentes tomadas de providências (DB, 16/08/1979, p. 8).

Diante de toda essa repressão e violência foi encontrado um texto peculiar no jornal na edição de 29 de dezembro de 1979. Localizado na página Política, na coluna “Binóculo” e sob o título de “Bichas”, diz o texto: “Nas imediações do Rique Pálace, à noite, “elas” se reúnem. Gritinhos histéricos, trejeitos, cenas de ciúme, desmaios. Travestis provocando o desejo, inclusive de velhos e experimentados empresários. Vai lá!” (DB, 29/12/1979, p. 2).

Para não repetir elementos comumente associadas a essas pessoas que voltam a aparecer no texto acima, destacamos a presença de “experimentados empresários” que são mencionados enquanto tendo seus desejos provocados pelos travestis. Ou seja, a presença

⁴Ver *Azevedo, “O amor ainda está aqui”*: processos de subjetivação, microterritórios e corpos em narrativas de sexualidades em Campina Grande – PB, 2015.

desses homens de classe mais favorecida em possíveis relações seriam uma consequência das abordagens dos travestis, logo, esses velhos estariam isentos de qualquer culpa. É possível dizermos que, fazendo uso também do caso de São Paulo anteriormente mencionado, a presença dessas pessoas de classe mais elevada não causa, em textos disponíveis no jornal, nenhuma repulsa, estranheza ou condenação. As sexualidades parecem dispor de maior liberdade quando ocorre entre as pessoas que detém de algum poder. É esse poder, seja ele econômico ou o poder discursivo, que Foucault nos apresenta como estando numa relação intrínseca ao prazer, sendo ele, o poder, vindo a se firmar no prazer, o qual estaria questionando e fiscalizando (2006).

É possível, sim, que tenha ocorrido em algum espaço repressões às pessoas de classe alta por darem vazão as suas sexualidades “desviantes”, mas não de forma como ocorrem as repressões dos populares, repletas de violência. Observamos que pessoas da chamada comunidade LGBT, “velhos e experimentados empresários” e “industrial respeitável” por estarem na classe em que estão dispunham de espaços e mecanismos mais moderados para lidarem com suas homossexualidades, espaços e mecanismos estes ainda escassos para a bicha pobre.

Considerações finais

O posicionamento do jornal é claro. Essas pessoas com suas práticas inaceitáveis têm de ser expostas, por meio de matérias e uso de imagens desses indivíduos, de forma a mostra à população que as condutas desses homossexuais e travestis não eram corretas e causavam malefícios para a sociedade. Fica claro também que essas repressões estão na ordem do dia, são institucionalizadas e reafirmadas pela população quando requerem “urgentes tomadas de providências” ou quando são “acossados” por populares que “não gostam daquelas encenações”, conforme relata a matéria “Travestis invadem a sociedade”.

Na medida em que se tem a criminalização dessas pessoas, não se tem a criminalização das violências as quais são alvos. As violências sofridas por eles se fazem presentes nas matérias, entretanto, apenas compondo o corpo do texto. Em momento algum tem-se a condenação dessas violências que são, também, físicas. É esse local de discurso do jornal, seu lugar de fala, que traz o silêncio institucional dessas pessoas que ao ocuparem determinados lugares sociais, nesse caso pessoas pobres e com sexualidades consideradas “desviantes”, se veem restringidas (RIBEIRO, 2019) de terem suas narrativas enquanto

sujeitos que são violentados e reprimidos socialmente, presentes nos textos encontrados no jornal.

Trata-se de populares que estão sendo denunciados nas matérias aqui analisadas por suas “condutas desviantes” e que estão fazendo uso de espaços públicos, alguns localizados no centro da cidade, para se reunirem com seus iguais onde atribuindo diversas finalidades aos espaços, seja reunindo-se para “algazarras” ou prostituição. Tais denúncias que criminalizam tais condutas são legitimadas pelo sistema da ditadura presente na época.

Ao fazermos uso de Foucault, analisamos como esses discursos são utilizados por um seletivo grupo para falar desses sujeitos, por meio de um canal de informação, que seria a personificação de algo criado numa relação de poder e prazer, onde se condena e incita o homossexual. E, ao analisarmos diversas pesquisas que abordam esses sujeitos no Brasil e no período da ditadura, vimos que a produção de discursos que, mesmo incluindo alguns desses sujeitos, causam a exclusão de outros, como é o caso dos sujeitos abordados em nosso trabalho, que são periféricos e populares.

Referências bibliográficas

Diário da Borborema. Ano XX, n. 895, p. 1, 02 ago. 1979.

Diário da Borborema. Ano XX, n. 907, p. 8, 16 ago. 1979.

Diário da Borborema. Ano XX, n. 1017, p. 2, 29 dez. 1979.

AZEVEDO, Ciro Linhares de. **“O amor ainda está aqui”**: processos de subjetivação, microterritórios e corpos em narrativas de sexualidades em Campina Grande – PB. 2015. 201f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições gerais, 2006.

GREEN, James N; QUINALHA, Renan (Org.). **Ditaduras e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: Edufscar, 2015.

GREEN, James N; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil. Rio de Janeiro: Olympio editora, 2006.

HABERT, Nadine. **A década de 70**: apogeu e crise da ditadura militar brasileira. São Paulo: Ática, 1994.



NADER, Maria Beatriz (Org.). **Equidade de gênero e raça**. Espírito Santo: EDUFES, 2019.

NOGUEIRA, Leonardo; HILÁRIO, Erivan; PAZ, Thaís Terezinha; MARRO, Kátia (Org.). **Hasteemos a bandeira colorida: diversidade sexual e de gênero no Brasil**. São Paulo: Expressão popular, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

TREVISAN, João S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.